



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS**

FLAVIANA DE FIGUEIREDO SILVA JALES

**DA INVISIBILIDADE SOCIAL ÀS TELAS DO CINEMA: a representação da
surdez na obra filmica “E Seu Nome é Jonas”**

**PATOS-PB
2021**

FLAVIANA DE FIGUEIREDO SILVA JALES

DA INVISIBILIDADE SOCIAL ÀS TELAS DO CINEMA: a representação da surdez na obra filmica “E Seu Nome é Jonas”

Artigo científico apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega

**PATOS-PB
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CAMPUS PATOS/IFPB

J26i Jales, Flaviana de Figueiredo Silva
Da invisibilidade social às telas do cinema: a representação da surdez na obra fílmica “E seu nome é Jonas” / Flaviana de Figueiredo Silva Jales. - Patos, 2021.
28 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2021.
Orientadora: Profª. Ma. Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega

1. Sociedade 2. Surdez 3. Representação 4. Anormalidade
I. Título.

CDU – 81'221.24

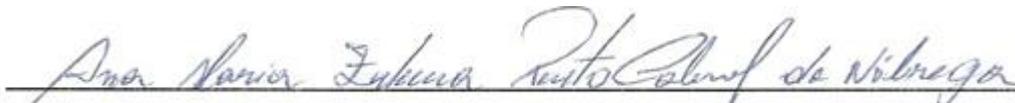
FLAVIANA DE FIGUEIREDO SILVA JALES

DA INVISIBILIDADE SOCIAL ÀS TELAS DO CINEMA: a representação da surdez na Obra Fílmica “E Seu Nome é Jonas”

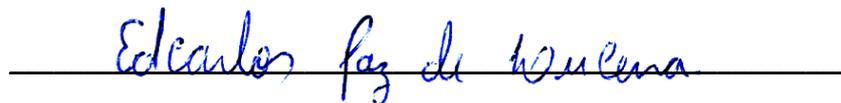
Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

APROVADO EM: 11/05/2021

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega - Orientadora



Profa. Esp. – Edcarlos Paz de Lucena – Examinador Interno



Prof. Dr. – Marcelo Vieira da Nóbrega – Examinador Externo

RESUMO

Por muito tempo os surdos foram identificados com divergentes estereótipos como: incapazes, incompletos, doentes, com problemas mentais, que necessitavam ser curados e que precisariam ser humanizados. Sendo assim, o presente artigo tem como principal objetivo analisar representações da surdez na obra fílmica “E seu nome é Jonas”. Neste trabalho contemplamos os seguintes aspectos acerca da surdez: o processo histórico dos surdos, a constituição do sujeito surdo através da língua de sinais, assim como a surdez sob a perspectiva ouvintista. A escolha da temática desse trabalho se deu a partir das reflexões sobre a surdez realizadas ao longo dos componentes curriculares de Libras cursados durante a realização da Especialização em Libras UAB/IFPB. Este trabalho é uma pesquisa documental com abordagem qualitativa, por entendermos ser o recurso metodológico mais adequado para análise de uma obra fílmica. Nosso embasamento teórico se pauta em Skliar (1998), Strobel (2007), Laborit (2000), Moscovici (2009) entre outros estudiosos da área. Na análise da obra, à luz da base teórica, identificamos representações da surdez como: anormalidade, incapacidade, deficiência, invisibilidade entre outras. O diálogo estabelecido com os autores nos mostrou também, estereótipos que a sociedade ouvintista tem acerca da pessoa com surdez, as dificuldades sociais enfrentadas pelos surdos e o que representa a aquisição da língua de sinais para essa minoria linguística.

Palavras-chave: Sociedade. Surdez. Representação. Anormalidade.

ABSTRACT

For a long time the deaf were identified with divergent stereotypes such as: incapable, incomplete, sick, with mental problems, who needed to be cured and who needed to be humanized. Thus, this article aims to analyze representations of deafness in the film “And your name is Jonas”. In this work, we contemplate the following aspects about deafness: the historical process of the deaf, the constitution of the deaf subject through sign language, as well as deafness from a hearing perspective. The choice of the theme for this work was based on reflections on deafness carried out along the Libras curricular components studied during the Specialization in Libras UAB/IFPB. This work is a documentary research with a qualitative approach, as we understand it to be the most appropriate methodological resource for analyzing a film work. Our theoretical basis is based on Skliar (1998), Strobel (2007), Laborit (2000), Moscovici (2009) among other scholars in the area. In the analysis of the work, in light of the theoretical basis, we identified representations of deafness such as: abnormality, incapacity, disability, invisibility, among others. The dialogue established with the authors also showed us stereotypes that the listening society has about the person with deafness, the social difficulties faced by the deaf and what the acquisition of sign language represents for this linguistic minority.

Keywords: Society. Deafness. Representation. Abnormality.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 PROCESSO HISTÓRICO DOS SURDOS.....	14
2.2 A LÍNGUA DE SINAIS CONSTITUINDO O SURDO COMO SUJEITO.....	16
2.3 A SURDEZ SOB A PERSPECTIVA OUVINTE.....	19
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	20
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Socialmente ser surdo, na maioria das vezes, significa ter que enfrentar e carregar um fardo mais elevado que os ouvintes. Se o indivíduo nasce surdo, provavelmente, será visto ou tratado como doente, incapaz ou que possui “defeito”. Nessa perspectiva, a comunidade surda já sofreu e ainda sofre com as injustiças de uma sociedade excludente, que por falta de conhecimento os privou de direitos mínimos por acreditar que os surdos não possuíam a capacidade mental e cognitiva de desenvolverem atividades do mesmo modo que os ouvintes.

Strobel (2009) apresenta diferentes representações atribuídas aos sujeitos surdos ao longo da história. Da perspectiva do historicismo o surdo é visto como deficiente, a educação é de caráter clínico-terapêutico e a língua de sinais é vista como maléfica. Do ponto de vista crítico, os surdos são narrados como “coitados”. Pessoas com capacidades, mas dependentes que precisam de alguém para falar por eles e a língua de sinais é usada como recurso/apoio.

Diante desses fatores, é perceptível a necessidade de se abordar a temática da representação do surdo a partir da coletividade social, visto que no passado a sociedade o subjugou e no presente, ainda podemos perceber casos de prejulgamentos embutidos e até mesmo explícitos na forma de estereótipos. O que justifica a realização de trabalhos como este, que nos possibilita refletir acerca dos estereótipos criados no entorno da pessoa com surdez e favorecer possíveis quebra de paradigmas.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho foi analisar as representações da surdez na obra fílmica “E seu nome é Jonas”. Quanto aos objetivos específicos, estabelecemos: identificar as representações da surdez manifestadas ao longo da trama e refletir acerca dos estereótipos historicamente atribuídos às pessoas com surdez. A escolha da obra fílmica “E seu nome é Jonas” se deu a partir das reflexões sobre a surdez realizadas ao longo dos componentes curriculares de Libras cursados durante a realização da Especialização em Libras UAB/IFPB. O filme “E seu nome é Jonas” foi produzido em 1979 e dirigido por Michaels.

Este trabalho está estruturado em cinco seções: Introdução, Fundamentação Teórica, Metodologia, Análise da Representação da Surdez e as Considerações Finais.

A Fundamentação Teórica está dividida em três tópicos, a saber: Processo Histórico dos Surdos, que expõe o estigma sofrido pelos surdos no decorrer da história, explanando diferenciadas formas de tratamento as quais os surdos foram submetidos; A Língua de Sinais constituindo o Surdo como Sujeito, destaca a relevância do contato precoce do surdo com a língua de sinais. Além de mostrar as imposições dos ouvintes em forçar os surdos a oralizar; e o tópico A Surdez sob a Perspectiva Ouvinte, que aborda a rejeição ouvinte sobre a surdez através de estereótipos de anormalidade, incapacidade, deficiência, além de imposições de regras de aceitação e contínua imposição de poder.

Na terceira seção apresentamos a Metodologia utilizada para a realização do presente trabalho. Na quarta seção trazemos a Análise da Representação da Surdez na obra filmica “E seu nome é Jonas”, onde identificamos as representações de surdez, evidenciando nas cenas mais relevantes do filme o olhar da sociedade sobre o surdo. Finalmente, na quinta seção, apresentamos nossas Considerações Finais seguidas das referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PROCESSO HISTÓRICO DOS SURDOS

A surdez, historicamente, foi vista por muitas pessoas como uma patologia, uma imperfeição física que tornava a pessoa incapaz, aquém dos ouvintes, pois os surdos não podiam oralizar. Em diferentes contextos ao longo da história, os surdos tiveram diferentes formas de tratamento.

Segundo Strobel (2009), na Idade Antiga, os romanos acreditavam que os surdos eram enfeitiçados ou castigados e assim esses indivíduos eram abandonados ou jogados no rio Tigre e se escapassem viravam escravos. Na Grécia, os surdos eram considerados incômodos para a sociedade, sendo lançados abaixo do topo de rochedos de Taygète.

No Egito e na Pérsia os surdos eram vistos como seres capazes de se comunicarem com o divino, consideradas como pessoas privilegiadas, embora não pudessem ser educados.

Ainda segundo a mesma autora, na Idade Média os surdos eram impedidos de comungar, pois não podiam confessar seus pecados devido a ausência da fala. Não tinham direito a herança, ao voto e nem de constituírem família.

Na Idade Moderna, Pedro Ponce de Leon, monge beneditino espanhol, estabelece a primeira escola para surdos. Ponce de Leon usava alfabeto manual (representação manual das letras do alfabeto) para ensinar a escrita e a oralização aos surdos. Nesse período, era concedido o direito de herança aos surdos que conseguiam oralizar (STROBEL, 2009).

Um nome de grande destaque na história da educação dos surdos foi o abade francês Charles Michel de L'Épée. Ao observar duas irmãs gêmeas surdas que dialogavam através de gestos, L'Épée adotou os sinais usados pelos surdos no processo educacional dos mesmos. O abade francês tornou-se conhecido na Europa ao compartilhar sua metodologia de ensino, combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominado de "Sinais metódicos" (STROBEL, 2009; CARVALHO, 2013).

Carvalho (2013, p. 23) ao destacar as contribuições de L'Épée para a educação de surdos elenca:

- criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris, que foi a primeira escola para surdos do mundo;
- atribuição aos surdos do estatuto de humanos, ao reconhecer a existência da sua língua;
- passagem da educação individual para a educação colectiva;
- constatação de que o tempo que se perdia a ensinar o surdo a falar devia ser aproveitado para educá-lo, pois era raro o surdo que se conseguia exprimir claramente pela via oral;
- demonstrações a nobres, filósofos e educadores, comunicando em Língua Gestual, e os surdos respondendo por escrito.

As contribuições elencadas por Carvalho (2013), mostram porque L'Épée é conhecido como o pai dos surdos. No entanto, mesmo com os resultados alcançados pelo abade francês e seus discípulos, os defensores do Oralismo criticavam o uso da língua de sinais na educação dos surdos alegando que eles ficavam acomodados com o uso da língua de sinais e que a mesma destruía a capacidade da fala dos surdos.

Em 1880 na cidade de Milão, na Itália, ocorreu o Congresso Internacional de Surdo-Mudo, "onde o método oral foi votado o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente" Strobel (2009, p. 26).

Mesmo com o bom desempenho educacional dos surdos com a adoção da língua de sinais como língua instrucional, figurou nos mais divergentes contextos sociais a

crença de que a língua de sinais era maléfica ao desenvolvimento da fala das pessoas surdas. Logo foram impostos métodos que Skliar (1998, p. 15), chama de ouvintismo, segundo ele, “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.

Se o surdo como que por um milagre aprende a falar, a visão da sociedade ouvinte sobre esse surdo muda mesmo que ele não consiga ouvir, mesmo que a reprodução dos sons da fala seja mecânica pois, na verdade há uma maior preocupação com adequação do surdo à sociedade do que realmente é necessário ao desenvolvimento do surdo. Para uma sociedade ouvintista, o padrão ou modelo a ser seguido é o ouvinte e tudo que foge do modelo precisa ser ‘corrigido’.

2.2 A LÍNGUA DE SINAIS CONSTITUINDO O SURDO COMO SUJEITO

O primeiro ambiente social da criança se dá no âmbito familiar. Nela, a criança espontaneamente adquirirá a língua materna e assim construirá seus princípios morais e sociais. No caso dos ouvintes, essa aquisição acontece de forma natural, diferentemente dos surdos filhos de pais ouvintes, que representam de certa forma a maioria dos casos, a aquisição de sua primeira língua (L1), a língua de sinais, via de regra não acontece no âmbito familiar devido à ausência de uma língua em comum entre o surdo, os pais e demais familiares impedindo que o surdo tenha o desenvolvimento linguístico nos primeiros anos de vida como acontece com as crianças ouvintes.

Bakhtin (1929/1992, p.108), ao se referir à aquisição da língua, afirma:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente de comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nesta corrente é que sua consciência começa a operar [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

Nesse sentido podemos sugerir, a partir da reflexão do autor, que através da língua de sinais os surdos terão o despertar da mente. Então é de suma relevância que a criança surda entre em contato com essa língua e se possível com seus pares o quanto antes para que possa desenvolver-se, porquanto, é através da língua e só por meio dela que nos constituímos como sujeitos pensantes, independentes, capazes de distinguir os acontecimentos à nossa volta.

Corroborando com essa questão Sacks (2010, p.380), afirma que:

As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for aprendida- e ela pode ser fluente aos três anos de idade-, tudo então pode decorrer: livre intercurso do pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala. Não há indícios de que o uso de uma língua de sinais iniba a aquisição da fala. De fato, provavelmente ocorre o inverso.

A língua de sinais possibilita ao surdo o desenvolvimento cognitivo, a construção de sua identidade e funciona como mediadora quanto ao aprendizado da língua oral do país, como segunda língua. É através da língua de sinais que esse indivíduo surdo se tornará independente, e assim conquistará seus objetivos socialmente.

Segundo Laborit (1994, p.49):

A criança surda tem necessidade de identificação com os adultos (surdos), uma necessidade crucial. É preciso convencer todos os pais de crianças surdas a colocá-las em contato, o mais rápido possível, com adultos surdos, desde o nascimento. É preciso que os dois mundos se entrelacem, aquele do barulho e o outro, do silêncio. O desenvolvimento psicológico da criança surda se fará mais rapidamente e bem melhor. Ela construirá longe daquela solidão angustiante de ser a única no mundo, sem idéias construtivas e sem futuro.

Crianças surdas com pais ouvintes necessitam de imediato o contato com outros surdos desde os primeiros anos de vida, para que possam ter assegurados o desenvolvimento linguístico e cognitivo. Nesse sentido, Brito (1986, p.21), afirma que:

As línguas gestuais-visuais são as únicas modalidades de língua que permite aos surdos desenvolver plenamente seu potencial linguístico (sic.) e, portanto, seu potencial cognitivo, oferecendo-lhes, por isso mesmo, possibilidade de libertação do real concreto e de socialização que não apresentaria defasagem em relação àquela dos ouvintes. É o meio mais eficiente de integração social do surdo.

É através da língua de sinais, e só por meio dela que, os surdos poderão ter seu desenvolvimento psicossocial plenamente garantido. É por meio da língua de sinais que o surdo desenvolve sua relação de pertencimento a um grupo social que compartilha uma mesma língua. Ela é força, o bem mais valioso do povo surdo.

Por isso se faz necessário que a criança surda tenha acesso a língua de sinais até o terceiro ano de vida para que a aquisição aconteça naturalmente. Mas, infelizmente muitos não vivem essa realidade uma vez que o diagnóstico da surdez acontece tardiamente e em outros casos, mesmo com o diagnóstico precoce, alguns, são privados de sua língua por falta de conhecimento ou às vezes porque seus familiares não

renunciam a algum benefício financeiro que esse surdo recebe, por parte do Estado, por sua "deficiência".

Vejamos o que nos diz Laborit (1994, p. 59) sobre o que acontece com os surdos que são privados da língua de sinais.

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas.

É a partir da aquisição de uma língua que a criança passa a construir sua subjetividade, porquanto, ela terá meios para que sua inserção no processo dialógico de sua comunidade aconteça e assim trocar ideias, sentimentos, compreendendo o que se passa ao seu redor, adquirindo e construindo sua bagagem sociocultural além de suas concepções, significando o mundo.

Segundo Santana (2007, p.33):

[...], quando o surdo é marginalizado pela comunidade ouvinte, cria-se o estigma de deficiente, que impede seu desenvolvimento pleno. Conferir a língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões lingüísticas (sic.), cognitivas, mas também sociais. Se ser anormal é caracterizado pela ausência de língua e de tudo que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se tem a língua de sinais como língua do surdo, o padrão de normalidade também muda[...]

A opressão de grande parte dos ouvintes sobre os surdos cria estereótipos que o marcam socialmente, atrapalhando o seu desenvolvimento efetivo, pois se a Língua Portuguesa reafirma o ouvinte e suas representações enquanto sujeito, a língua de sinais, no caso do Brasil, a Libras, exerce a mesma função para os surdos. No entanto, a resistência ao diferente acaba criando uma barreira entre ouvintes e surdos.

Segundo Sacks (1998, p.52), “[...] um ser humano não é desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém, está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno”. Isto é, continuamos sendo seres pensantes sem uma língua, no entanto, essa falta nos limita de certa forma.

Portanto o surdo deve ter contato com outros surdos, ter acesso a língua de sinais o mais cedo possível, para que esse se torne independente e assim quebre o

estereótipo de deficiente e incapaz de interagir socialmente. É de suma importância que o surdo se mantenha inserido em sua comunidade para assim constituir-se como sujeito.

2.3 A SURDEZ SOB A PERSPECTIVA OUVINTE

Na trajetória dos surdos, narrada por ouvinte, estão explícitas as marcas que o identifica como um ser incompleto, doente, deficiente, não pensante, anormal, alguém que se distancia do que é considerado o padrão a ser seguido pelos ouvintes.

Nesse sentido Perlin (2013, p.55), afirma que,

Exprimidos pela participação ouvinte, os surdos são vistos como figuras frias desprovidas de definição cultural. Admitidos como tipos incapazes, continuam a carregar a marca de seus corpos ditos mutilados, de sua inteligência dita fracassada, arrastando-se pela sombria incoerência de nossos dias [...].

Os pais idealizam durante todo o período de gestação um filho perfeito, no entanto, essa idealização acaba assim que o diagnóstico da surdez lhes é apresentada e por falta de conhecimento sobre o assunto os pais ficam confusos, frustrados tratando a surdez como indesejada, acreditando que seu filho está fadado à dependência, ao fracasso.

Ribas (2007, p.29) salienta que: “É natural que, se os pais esperam nove meses por um filho que significa o sonho esperado, e ele não veio como planejado, o grande sentimento que venham a ter é o de frustração”. Ainda nessa perspectiva, Carvalho (2000, p. 69), afirma que:

Não é difícil pressupor que o fato de alguém da família ser identificado por critérios, objetivos, médicos ou educacionais, como surdo, constitui-se numa experiência que marca tanto a criança como a família, e que pode alterar o funcionamento intersubjetivo de todos, na medida em que tal diferença impõe, de forma imprevista e definitiva, a perda para sempre da ilusão do filho perfeito.

A quebra do que é considerado normal faz com que os ouvintes vejam a surdez como um fardo a ser carregado pela sociedade, deixando assim marcas tanto na família como no decorrer da vida do sujeito surdo. A visão ouvinte sobre a surdez traduz que eles não são capazes de trabalhar e assim muitos são rejeitados pelas empresas e aqueles que conseguem trabalho recebem, muitas vezes, salários indignos, ou são colocados em cargos indesejados. “Somos notavelmente ignorantes a respeito da surdez [...] ignorantes e indiferentes”. (SACKS, 1998, p.15).

Para a sociedade ouvintista, é mais cômodo responsabilizar a surdez como fator responsável pelo insucesso educacional e pelos surdos ocuparem, quase sempre, os

postos de trabalho mais “simples” e com menores salários do que assumir que tais fatos acontecem porque o surdo não tem as mesmas oportunidades de desenvolvimento que os ouvintes. Nesse sentido, Skliar (1997, p.124) afirma que:

Necessitamos do outro, mesmo que assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, as instituições, as regras, a ética, a moral e a estética de nossos discursos e nossas práticas. Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicância etc. e para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges, mendigos.

A sociedade não propõe meios que possam acolher os surdos de modo que esses possam se tornar independentes, ao invés disso, colocam a culpa dos “fracassos” dos surdos na surdez e não na falta de condições desses se desenvolverem e dessa maneira tentam justificar as injustiças sociais na maneira como o indivíduo se encontra.

Conforme Skliar (1998, p.30):

[...] o problema não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a Língua de sinais, mas, sim, as representações dominantes, hegemônicas e ‘ouvintistas’ sobre as identidades surdas, a Língua de sinais, a surdez e os surdos.

O problema não está na surdez, mas nas imposições de poder exercidas pelos ouvintes sobre os surdos que tentam moldá-los aos padrões de normalidade estabelecidos pelos ouvintes, forçando-os a falarem.

Lulkin (1998, p. 40):

aquele que não ouve tão bem, ou não percebe algumas manifestações sonoras na medida em que deveria, frequentemente passa a ser distinguido como alguém com perda, com carência, com falta de, com deficiência e como pessoa portadora de uma especificidade.

Estereótipos como os citados no decorrer do texto são usuais no cotidiano dos surdos, uma diferença criada entorno do desvio da normalidade, numa abordagem patológica defendida por ouvintes. O surdo na visão ouvinte é um ser com defeito, com reparos a serem feitos, com problemas mentais, incapaz, doente, sem inteligência, incapaz de pensar, deficientes.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo é uma pesquisa documental, por ter como fonte de análise a obra filmica “E seu nome é Jonas”. Conforme Severino (2007, p. 122-123), “no caso da *pesquisa documental*, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só

de documentos impressos, mas, sobretudo, de outros tipos, tais como, jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”.

Também entendemos, com base em Gomes (2008), que o nosso trabalho apresenta uma abordagem qualitativa. Pois, conforme esclarecido pelo próprio autor:

“[...] a análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não têm como finalidade contar opiniões ou pessoas. Seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar”.
(GOMES, 2008, p. 79)

Desse modo, compreendemos que a abordagem qualitativa é a que melhor se adequa a esta pesquisa por favorecer a análise das representações na obra fílmica “E seu nome é Jonas”, uma vez que não enfocaremos aspectos quantitativos.

O estudo visou analisar a representação da surdez no filme “E seu nome é Jonas” e possibilitar ao leitor a oportunidade de refletir sobre os estereótipos historicamente atribuídos às pessoas com surdez.

Nosso embasamento teórico se pauta em Skliar (1998), Strobel (2007), Laborit (2000), entre outros estudiosos da área.

A escolha da obra fílmica “E seu nome é Jonas” se deu a partir das reflexões sobre a surdez realizadas ao longo dos componentes curriculares de Libras cursados durante a realização da Especialização em Libras UAB/IFPB. Quanto à escolha das cenas, adotamos como critério de seleção os momentos da obra fílmica em que as características dos estereótipos acerca da surdez são expostas de modo mais explícito.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

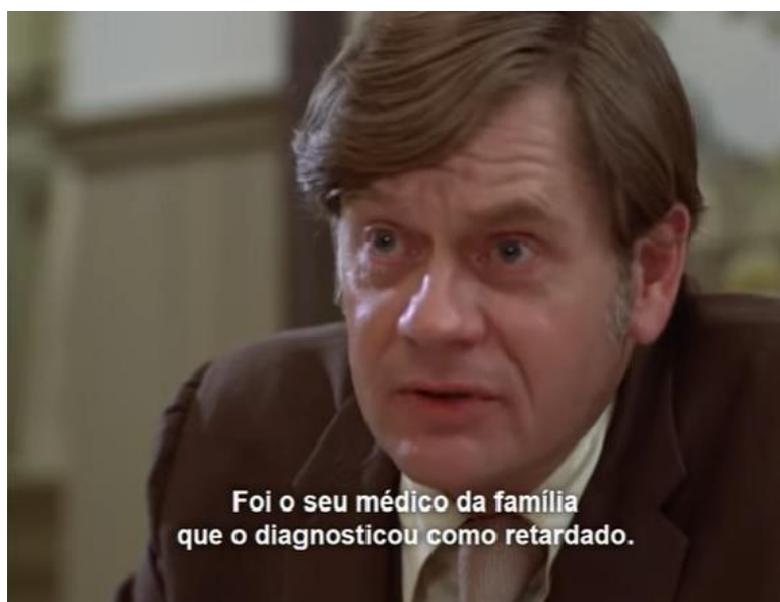
A obra fílmica, “E seu nome é Jonas”, do autor Michaels, lançada em 1979 nos EUA, retrata a história de um menino surdo que recebe um diagnóstico errado, de retardo mental, ficando internado por três anos em um hospital para crianças especiais. Durante a internação Jonas sofreu várias frustrações, intervenções e privação quanto ao uso da língua de sinais, ocasionando déficits em seu desenvolvimento e divergentes discursos acerca da surdez.

Por não saber lidar com a situação, o pai de Jonas, Danny sai de casa deixando Jenny, sua esposa, sozinha com os filhos. Depois de alguns métodos sem sucesso, a

saber, aparelho auditivo e aulas de oralidade, a mãe de Jonas conhece uma família de surdos que se comunicavam através da língua de sinais e a leva ao clube de surdos e, por conseguinte Jonas aprende a Língua de Sinais Americana (ASL), ingressa em uma escola para surdos e, é a partir daí que Jonas começa a compreender e significar o mundo que o rodeia.

Em todo o decorrer da trama foi possível perceber quão difícil era ser surdo. Assim, selecionamos as cenas que consideramos mais relevantes a serem analisadas.

Cena 1



Em razão de um diagnóstico equivocado, Jonas passou três anos internado em um hospital para crianças especiais para então descobrirem que ele era apenas surdo. A partir da cena supracitada percebemos que a surdez era confundida com retardo mental, que necessitava de tratamento. O que sugere haver, além da falta de conhecimento do profissional em questão, um apagamento do sujeito enquanto surdo, demonstrando, assim, o que pode ser entendido como uma invisibilidade do indivíduo dentro da sociedade que o cerca.

Podemos perceber, com base em Sousa e Gallo (2002, p.41) que:

[...] consideramos que o normal para a espécie humana é ouvir e falar, os surdos, seja como queiram narrar, serão sempre uma diversidade, subconjuntos de pontos na superfície de um gráfico que gradua diferenças audiométricas, uma diferença para menos [...].

Aqueles que se diferenciavam do que era considerado normal, eram deixados à margem, sendo estereotipados como incompletos, incapazes, com algum defeito e que precisariam urgentemente de conserto ou tratamento para ouvir e, conseqüentemente, falar.

Cena 2



Danny e Jenny, pais de Jonas, foram buscá-lo no hospital e chegando à sua residência é recepcionado com uma festa feita pela avó, familiares e alguns amigos. Todos os presentes achavam que Jonas tinha aprendido a falar e ficam tentando conversar com ele, que por sua vez, não compreende nada. Então seu pai tenta explicar que Jonas não sabe nenhuma palavra e é questionado com a interrogação da cena acima.

A surdez de Jonas recebe vários estereótipos, um deles é de que só por meio da língua oral, é possível raciocinar ou se expressar e que o desenvolvimento do intelecto está condicionado unicamente à língua oral. O que reforça um discurso de hegemonia ouvintista.

Nessa cena, a surdez na visão dos personagens, faz de Jonas alguém que não tem capacidade de se desenvolver semelhantemente aos ouvintes e que a falta da palavra falada se explica pela ausência de pensamento, limitando-o. Segundo Lopes (2007, p.51), “ausência de pensamento [...], pressupõe, que o surdo não tem o que dizer”, ou seja, a surdez era confundida com a falta de inteligência, o que explicaria o porquê de Jonas não conseguir externar nenhuma palavra.

Cena 3



Na cena 3 Jonas está na rua andando na bicicleta, que havia ganhado de presente, quando um carro vem em sua direção e buzina para que ele saia, porém, Jonas não escuta e o carro acaba atropelando-o, deixando seus pais aflitos.

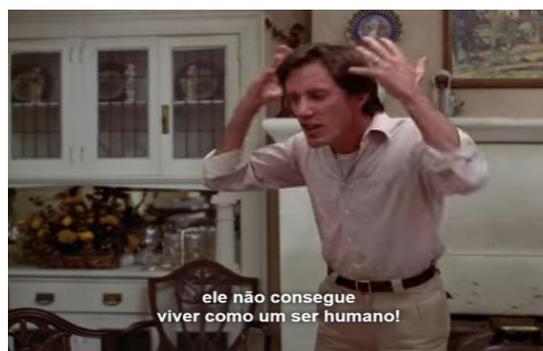
Aqui podemos perceber a separação que há entre o que os surdos e os ouvintes podem fazer. Quando a senhora diz que “não se pode deixar uma criança assim na rua”, ela na verdade está afirmando que os surdos são incapazes de estarem em sociedade como as demais pessoas.

Para Wrigley (1996, p.71): “[...] surdos são pessoas que ouvem com ouvidos defeituosos. Se pudéssemos consertar os ouvidos, eles estariam ouvindo [...]”. Em outras palavras, os surdos são desconsiderados enquanto pessoas que se constituem linguístico e culturalmente diferente dos ouvintes.

Cena 4



Cena 5



Nas cenas 4 e 5 mostram a discussão entre Danny e Jenny, os pais de Jonas, logo após o acidente ocorrido quando Jonas andava de bicicleta. Danny refere-se ao filho como anormal e a afirmação irrita Jenny. Por não saber lidar com a situação, Danny pega suas roupas e vai embora deixando sua esposa sozinha com a responsabilidade de cuidar de seus dois filhos.

Para Lulkin (1998, p. 40):

aquele que não ouve tão bem, ou não percebe algumas manifestações sonoras na medida em que deveria, frequentemente passa a ser distinguido como alguém com perda, com carência, com falta de, com deficiência e como uma pessoa portadora de uma especificidade.

No discurso do pai é manifesto o estigma de incompleto, a figura de um animal que precisa ser imediatamente humanizado, que a surdez é uma doença que atinge a totalidade existencial do ser humano, tornando-o eternamente dependente de outras pessoas, um fardo a ser carregado.

Cena 6



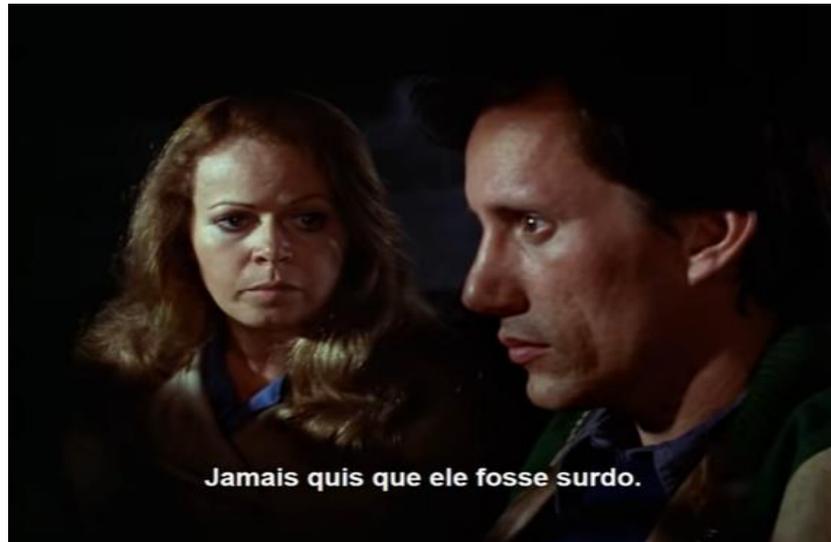
A cena 6 retrata o momento em que Jonas retira as cenouras que estão no seu prato e as joga no chão. Danny fala para o filho não jogar comida fora. Sem compreender o que o pai oralizou, Jonas continua jogando as cenouras no chão e Danny recolhe seu prato. Jonas começa a gritar. Danny, o leva à força para o quarto onde ele continua gritando.

Laborit (2000) explana bem esse gritar e não ser compreendido vivenciado por Jonas:

[...] Sabia que estava aos gritos, mas os gritos nada significavam para a minha mãe ou para o meu pai. Segundo eles, eram gritos agudos de ave marinha, como os de uma gaivota planando sobre o oceano. Então, apelidaram-me de

gaivota. E a gaivota gritava acima de um oceano de ruídos que não ouvia, e eles não compreendiam o grito da gaivota.

Cena 7



A cena 7 retrata uma conversa entre Danny e Jenny após o falecimento do avô materno de Jonas, uma das pessoas com quem Jonas tinha forte laço afetivo. Para melhor compreensão faremos uma breve contextualização. Após a morte do avô, Jonas sai de casa escondido da mãe e vai ao local onde costumava se encontrar com o avô. Ao chegar ao local, não o encontra e perde o ônibus que o levaria de volta para casa. Nesse momento ele sai andando pelas ruas e uma viatura policial se aproxima deixando-o assustado.

O policial tenta se comunicar com Jonas, mas ele grita e tenta fugir. A autoridade sem saber que ele era surdo o leva para um hospital onde ele é amarrado em uma maca. Em seguida Jenny chega e fica perplexa com aquela situação. Após sair do hospital, Jenny encontra Danny e ao explicar o fato ocorrido com Jonas ela pede que Danny a ajude, pois nunca quis ter um filho surdo.

Carvalho (2000) diz que não é difícil entender a incompreensão dos pais ouvintes frente à surdez, visto que a quebra do sonho de ter um filho perfeito os deixam submersos e confusos sobre seus padrões e objetivos.

Nesse contexto, a surdez é tida como indesejada, problemática, incompreendida, que modificou a dinâmica da família. Os pais são os primeiros a tentarem estabelecer uma comunicação com seus filhos, porquanto, planejam durante toda a gestação a

chegada do filho tão esperado, mas quando esse filho chega é percebido que há algo divergente e então há uma quebra de expectativa do que foi planejado e os deixam confusos, sem saber como agir diante dessa nova realidade.

Cena 8



A cena acima é um recorte da conversa de Jenny com a diretora de uma escola Oralista. Ao levar Jonas à escola em que seus métodos de ensino proibiam a língua de sinais ou gestos e treinava seus alunos a lerem os lábios e oralizarem. A diretora explica que é através do esforço que Jonas se tornará ouvinte também, assim como elas.

Moscovici (2009, p.34):

afirma que “mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade se tornar idêntico aos outros, sob a pena de não ser nem compreendido, nem decodificado.

Isto é, tudo que foge do que é considerado padrão, sofre imposições da sociedade. No caso dos surdos, o modelo a ser seguido é o dos ouvintes. A sociedade estará sempre pronta a tentar impor, enquadrar os surdos a assumir a forma predominante de ser. A normalização, o enquadramento requer a comunicação através da oralização.

O psiquiatra surdo norueguês Terje Basilier, citado por Ferreira Brito (1993, p.75) diz que:

[...] quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceitei a pessoa [...]. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa, porque a língua é parte de nós mesmos [...] quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem direito de ser surdo.

A trama retrata bem os dramas reais sofridos pelos surdos quanto às privações de seus direitos, sua língua, de tudo que os representa, de suas vontades, sua independência, além de submetê-los a intervenções com aparelhos auditivos e aulas entediadas de oralização, repetidas e repetidas vezes na constante tentativa de torná-los iguais aos ouvintes, levando-os a se sentirem sozinhos e incompreendidos.

Cena 9 - “Mãe”



Cena 10 -“morte?”



As cenas 9 e 10 são recortes do momento em que Jonas tem o primeiro contato com a língua de sinais através de um professor surdo que sua mãe, Jenny, conheceu no clube de surdos. O professor começa mostrando os sinais referentes a alguns objetos que vão sendo encontrados pelo parque onde passeiam.

Laborit (2000, p. 36-37) em seu livro “O grito da gaiivota” explica o momento em que descobriu o nome das pessoas através da língua de sinais:

[...] Pela primeira vez ensinam-me que se pode dar um nome às pessoas. E também isso é formidável. Eu não sabia quem na minha família tinha nome, a não ser o meu pai e a minha mãe. Encontrava pessoas, amigos dos meus pais, membros da família, mas para mim nenhum tinha nome, qualquer definição. Fiquei tão surpreendida ao saber que ele se chamava Alfredo e o outro Bill... E eu, sobretudo eu, Emmanuelle. Percebi enfim que tinha identidade. EU: Emmanuelle.

Em sua narrativa a autora revela que não sabia o nome das pessoas, mas somente nesse instante que descobriu a língua de sinais, já com sete anos de idade, foi que compreendeu que mesmo ela também tinha uma identificação, e que essa, passava a existir no mundo a partir daquele momento.

A autora ainda relata, em sua obra, que a partir de seu encontro com a língua de sinais já não mais sentia sentimento de morte, mas que tinha ânsia de descobrir mais identificações e as respostas para as perguntas que carregava. Ela assemelhou esse instante a um renascimento.

Labotit (2000, p. 37):

Foi como renascer, como uma vida que começa. O primeiro muro a ser derrubado. Existem ainda alguns à minha volta, mas a primeira brecha na minha prisão já se abriu, vou compreender o mundo com os olhos e as mãos. Adivinho-o já. E estou tão impaciente!

As cenas ‘9’ e ‘10’ referem-se ao instante em que há um despertar, Jonas compreende e passa a significar as coisas, o mundo que o rodeia. Na sequência, Jonas começa a perguntar o sinal de tudo que vai encontrando ao seu redor e em meio a tantas descobertas, ele se interessa em saber o sinal de mãe e a abraça. Mais adiante ele encontra uma tartaruga morta. Ao se deparar com o casco da tartaruga e após a explicação feita pelo professor, em língua de sinais, Jonas estabelece uma relação entre aquele casco sem vida e o momento em que seu avô cai no chão. Naquela ocasião, ele passa a compreender o significado da morte e é tomado por um sentimento de tristeza.

A representação da surdez de Jonas do ponto de vista do professor surdo não se assemelha ao modo como é enxergado pelos ouvintes. Pelo contrário, é tratada como algo natural, normal, sem estereótipos.

Assim como a experiência vivenciada e compartilhada por Laborit (2000), Jonas, também, ficou impactado com as descobertas dos sinais de “mãe” e “morte” dentre outros, que a língua de sinais o proporcionou. E que através desta, o mundo a sua volta ganhou significado, reforçando o que Bakhtin (1992) expõe sobre a importância da língua, quanto a ressignificação do mundo e a constituição de sujeito que esta proporciona ao indivíduo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não são atuais os episódios de preconceitos deferidos aos surdos. Historicamente, esse grupo minoritário sofreu, e ainda sofre alguns ataques infundados da sociedade, dando-lhes estereótipos de anormais e incapazes que precisam ser humanizados sendo forçados, na maioria das vezes, a seguirem aos padrões ouvintes de oralização.

Durante a análise da Obra filmica “E seu nome é Jonas” e o diálogo que estabelecemos com os autores dentre os quais destacamos: Laborit (2000) Skliar (1998), Brito (1986) e Sacks (1998) nos mostrou diferentes estereótipos que a sociedade ouvintista tem acerca da pessoa com surdez, as dificuldades sociais enfrentadas pelos surdos e o que representa a aquisição da língua de sinais para essa minoria linguística.

Diante do exposto, ressaltamos a importância deste trabalho que analisou as representações da surdez na obra filmica “E seu nome é Jonas” e possibilitou ao leitor uma visão panorâmica acerca dos estereótipos e das representações que a sociedade ouvinte tem acerca da surdez. Suscitou reflexões sobre a surdez e a língua de sinais ao evidenciar que os surdos são pessoas diferentes e não anormais como visto por algumas perspectivas históricas. É através de iniciativas como esta que quebramos os mitos de que a surdez está relacionada a problemas mentais. Engana-se quem acha que a língua oral é a única modalidade que o ser humano dispõe para se constituir enquanto ser social e linguístico.

Também podemos refletir sobre quantos surdos, na atualidade, ainda estão esquecidos, escondidos em seus âmbitos familiares, desacreditados, em situações de maus tratos, explorados muitas vezes por seus parentes que, para não perderem o benefício financeiro do Estado, não buscam recursos para que a pessoa com surdez possa se tornar independente, capaz de conduzir sua vida socialmente, trabalhar, cursar uma faculdade, constituir família e fazer tantas outras escolhas como acontece com os ouvintes.

Apesar dos inúmeros avanços tecnológicos e amplo uso das mídias digitais, ainda nos deparamos com muitos surdos sem acesso a língua de sinais e uma sociedade de ouvintes que desconhecem a temática. Nesse sentido, esse trabalho se presta ao importante papel de desmistificar as muitas representações criadas no entorno da pessoa com surdez.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Heloisa Helena; MELLO, Ana Cláudia P. Teixeira. **O Surdo: Este Desconhecido – Incapacidade absoluta do surdo-mudo.** Rio de Janeiro: Oficina Folha Carioca, Editora Ltda, 1995.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRITO, L. F. Integração social do surdo. Social do surdo. In: **Trabalhos em lingüística aplicada.** n° 7, 1986, p.21.

CARVALHO, J. M. **O ideal de completude narcísica e o adolescente surdo: um estudo clínico.** 2000. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, P. V. A Herança do Abade de L'Épée na Viragem do século XVIII para o século XIX. Lisboa: The Factory,,: 2013.

FERREIRA BRITO, Lucinda. Integração social e educação de surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

GARCIA, B.G. O multiculturalismo na educação dos surdos: resistência e a relevância da diversidade para a educação de surdos. In: SKLIAR, C. (Orgs). **Atualidades da educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Mediação 1999, p.152.**

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes. MINAYO, Maria Cecília de Souza. Petrópolis, RJ: vozes 2008.

HONORA, Márcia. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2014.

LABORIT, Emmanuelle. **O grito da gaiivota.** Lisboa: 2ed. 2000. [O GRITO DA GAIIVOTA.pdf](#)

LOPES, Maura Corcini. Surdez e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LULKIN, Sérgio Andrés. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.p. 33-50.

MICHAELS, Richard. E seu nome é Jonas. Direção: Produção dos autores. EUA: Orion Pictures Corporation, 1979. VHS. (100min).

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigação em psicologia social.** 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PERLIN, Gládis T.T. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da silva; LOPES, Maura Corcini (orgs), **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

RADUTZKY, Elena. **Dizionario bilíngüe elementare della língua italiana dei segni**. Roma, Itália, Edizioni Kappa, 1992.

RIBAS, João. **Preconceito contra as pessoas com deficiência**. São Paulo: Cortez, 2007.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1990.

_____. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura Texeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, F.F. Do silêncio social às telas do cinema: a representação da surdez no filme black. 2016. 24f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, 2016

SKLIAR, Carlos (org). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p.1-30.

_____. Os estudos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.). **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, R.M; GALLO, Silvio. Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. **Educação e Sociedade: revista quadrimestral de ciências da educação/centro de Estudos Educação e Sociedade (cedes) n° 79, Dossiê "Diferenças"**, São Paulo: cedes, 2002.

STROBEL, K. História dos surdos: representações 'mascaradas' das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Gladis (orgs). **Estudos Surdos II**. Petrópolis-RJ: Editora Arara azul, 2007.

_____. **As imagens do outro sobre cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

_____. **História da educação de surdos.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2009.

WRIGLEY, Oliver. Política da surdez. Washington: Gallaudet University Press, 1996.